

Conectividade derruba fronteiras



Uma tendência forte e irreversível. É assim que Ailton Nascimento, vice-presidente da Stefanini, uma das mais importantes provedoras globais de soluções de negócios, enxerga a **democratização da tecnologia**, seja no dia a dia das pessoas, seja no campo educacional. “Até 2030 teremos concluído a inclusão digital nas escolas, alterando os métodos de ensino em todas as camadas sociais”, afirma. “Até lá, as pessoas estarão cada vez mais conectadas e os dispositivos móveis serão o atalho para a conectividade”. A tecnologia, segundo ele, será ainda um dos agentes principais para a criação dos *smart districts*, bairros que se modernizarão por ganhos de eficiência e conectividade.

Para acelerar o processo e antecipar tendências a Stefanini está intensificando a atuação dos seus **centros de pesquisa e inovação** instalados no Brasil e expandindo as unidades de P&D no México e Estados Unidos, além de iniciar estudos em Cingapura, em parceria com universidades locais.

Trabalhar sem fronteiras é outra lição para quem busca novas **oportunidades de negócios**. “As economias hoje são globais e as informações interligadas, portanto produtos e serviços devem ser pensados para o mundo, mesmo que sejam para nichos”, assegura Eric Waidergorn, diretor de consultoria internacional da UHY. A Re-Max, rede de franquias na área imobiliária, presente em 97 países, inclusive no Brasil, sabe a importância de deitar por terra os limites geográficos.

Em 2010 implantou no País uma **plataforma** de negócios, com tradução automática para 40 idiomas, onde apresenta suas ofertas de imóveis em todas as praças onde atua. “Hoje, podemos negociar com clientes de 97 países, tendo informações on-line de produtos à venda na Europa, por exemplo, mas que interessam a brasileiros”, afirma Peixoto Accyoli, responsável pela área de gestão da Re-Max. “Praticamente 100% das transações passam pela plataforma”. No Brasil, a rede conta com 240 unidades que juntas fizeram negócios da ordem de R\$ 3 bilhões em 2013.

Somando tecnologias como serviço em nuvem e *big data*, a cearense Selettiva, incubada no Porto Digital, desenvolveu uma plataforma para coletar informações sobre **resíduos de eletroeletrônicos** e disponibilizá-las para a cadeia de logística reversa. “A ideia é apontar onde estão os resíduos, que tipo de produtos foram descartados e de que forma podem ser remanejados para o elemento da cadeia que mais se interessar”, afirma o sócio Sérgio Moreira. “Hoje, nem sempre as empresas responsáveis pela coleta fazem o descarte correto ou, na outra ponta, quem usa o resíduo tem de esperar a boa vontade do consumidor em descartá-lo no ponto de coleta”. O projeto, que exigiu investimento de R\$ 30 mil, deve em cinco anos gerar um faturamento de R\$ 7 milhões.

Para Paulo Marcelo, vice-presidente de Financial Service da Capgemini, a tecnologia é o caminho para facilitar a vida dos cidadãos sobretudo nos grandes centros urbanos onde os problemas e as necessidades se multiplicam, gerando centenas de oportunidades de negócios. “É preciso usar as soluções móveis de forma inteligente, oferecendo informações em tempo real, encurtando distâncias, economizando deslocamentos, melhorando o uso de recursos.”

SEM CATEGORIA

Postado em 04/03/2014

Com o mesmo pensamento, o engenheiro Henrique Ferreira Nunes gastou um bom tempo analisando como poderia criar um serviço que facilitasse o acesso e o estacionamento das pessoas que trabalham no Porto Digital, uma área histórica revitalizada de ruas estreitas e poucos estacionamentos. “Os investimentos em transporte público em todo o país são de longo prazo e as necessidades das pessoas imediatas”, afirma. Nunes criou a Carona Sustentável, para promover o uso racional do carro.

O benefício, em forma de Vale Carona, é uma moeda que remunera quem dá carona com um voucher de R\$ 4. O projeto piloto foi implantado em uma das empresas do Porto Digital e em seis meses chegou a 5 mil caronas. “Cobramos uma taxa de administração de 1% sobre os vales utilizados. A empresa lucra por investir em um modelo politicamente correto e, ainda, ganha em produtividade, já que os funcionários chegam menos estressados e atrasados”, diz Nunes.

Fonte: Valor